



ALTAIR ALBERTO FÁVERO - Universidade de Passo Fundo
 MARCIO GIUSTI TREVISOL - Universidade do Oeste de Santa Catarina
 ROGERIO AUGUSTO BILIBIO - Universidade do Oeste de Santa Catarina

A INCORPORAÇÃO DOS SINAIS DA INCERTEZA NA EDUCAÇÃO A PARTIR DO CONCEITO DE MEDO LÍQUIDO DE BAUMAN

THE INCORPORATION OF THE SIGNS OF UNCERTAINTY IN EDUCATION FROM THE CONCEPT OF BAUMAN'S LIQUID FEAR

Resumo: O presente ensaio é resultado de discussões realizadas no Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Superior – GEPES/UPF, no ano de 2017, e discute a incorporação dos sinais da incerteza presentes no cenário do século XXI na educação. O medo e a insegurança potencializados na modernidade se tornaram centrais para a definição comportamental dos indivíduos, na reestruturação das instituições e no planejamento de novos negócios e ações sustentáveis para o futuro. Nesse contexto, a escritura investigativa pretende aproximar o conceito de medo líquido de Bauman com a educação, como pressuposto reflexivo para entender como as instituições educacionais estão incorporando os sinais de incerteza por meio do aparelhamento protetivo. De tal forma, cabe responder à seguinte pergunta: Quais as consequências pedagógicas da incorporação da incerteza para as experiências formativas dos alunos? Para responder a essas inquietações realizamos uma pesquisa teórico-bibliográfica e documental tomando como ponto de partida os escritos do pensador contemporâneo Bauman (2008, 2009). Assim, no decorrer do trabalho situamos como a educação foi incorporando os sinais de incerteza próprios da modernidade a partir do conceito de medo líquido desenvolvido por Bauman.

Palavras-chave: Educação. Formação. Incerteza. Medo líquido.

Abstract: This essay is the result of discussions held in the Group of Studies and Research in Higher Education - GEPES / UPF, in the year 2017, and discusses the incorporation of signs of uncertainty present in the scenario of the 21st century in education. Fear and insecurity enhanced in modernity have become central for the behavioral definition of individuals, in the restructuring of institutions and planning of new businesses and sustainable actions for the future. In this context, the research aims to bring Bauman's concept of liquid fear into education as a reflexive assumption to understand how educational institutions are incorporating the signs of uncertainty through the protective apparatus. Thus, the following question is important to be answered: What are the pedagogical consequences of incorporating uncertainty into the formative experiences of students? In order to respond to these concerns, we conducted a theoretical-bibliographic and documentary research based on the writings of the contemporary thinker Bauman (2008, 2009). Thus, in the course of the work we situate how education has been incorporating the signs of uncertainty proper of modernity from the concept of liquid fear developed by Bauman.

Keywords: Education. Formation. Uncertainty. Liquid Fear.



ALTAIR ALBERTO FÁVERO - Universidade de Passo Fundo
MARCIO GIUSTI TREVISOL - Universidade do Oeste de Santa Catarina
ROGERIO AUGUSTO BILIBIO - Universidade do Oeste de Santa Catarina

Considerações iniciais

O medo como elemento constitutivo da organização da vida moderna levou a uma constante preocupação com a segurança. A tensão estabelecida entre liberdade/privacidade e segurança se tornou peça basilar das instituições, da intersubjetividade e na definição das relações sociais. A condição do medo e, portanto, da incerteza, potencializados na modernidade se constituem como um campo de estudo para correntes sociológicas, como as desenvolvidas por Beck, Giddens e Lash (1997) por meio do conceito de risco, e do sociólogo Zygmunt Bauman, que se preocupou em compreender como a sociedade contemporânea se organiza a partir do conceito de medo.

Na obra *Medo Líquido* (2008), Bauman aponta três formas de medo que afligem a sociedade; a) o medo de não conseguir garantir o futuro pela via do trabalho ou de não possuir algum tipo de sustento que garanta subsistência digna, como, por exemplo, as incertezas que se apresentam no campo da previdência social; b) o medo de perder seu espaço socialmente construído, isto é, o temor de cair de posição social. Esse componente do medo contemporâneo relaciona-se com as incertezas vindas do campo do trabalho, como a falência de um empreendimento ou o desemprego e; c) o medo em torno da integridade física, que é ameaçada constantemente pelos atos violentos materializados pelo terrorismo, pela violência urbana, pelo crime organizado e pela crise ecológica. Essas questões são discutidas por Bauman e apontam para um capital do medo que lucra a partir da produção imaginária do temor e produz um sentido de insegurança e perigo permanente.

Nosso esforço neste ensaio é aproximar o conceito de medo líquido de Bauman com a educação. O objetivo primordial é compreender como o espaço educativo está incorporando os sinais de incerteza e quais suas consequências para a formação das próximas gerações. Deste objetivo primário, surgem as seguintes questões norteadoras do estudo: quais as consequências pedagógicas da incorporação da incerteza para as



ALTAIR ALBERTO FÁVERO - **Universidade de Passo Fundo**
MARCIO GIUSTI TREVISOL - **Universidade do Oeste de Santa Catarina**
ROGERIO AUGUSTO BILIBIO - **Universidade do Oeste de Santa Catarina**

experiências formativas dos alunos? Como o conceito de medo líquido pode auxiliar na elaboração de propostas educacionais sólidas na formação e na criticidade dos alunos? Quais as influências do capital do medo para a organização dos espaços educativos?

O encontro entre Bauman e a educação é um desafio, pois são poucas as produções que contextualizaram a teoria do autor dentro do campo da investigação educacional. Para enfrentar esse desafio, e responder a nosso objetivo, o ensaio é fundamentado por meio de uma pesquisa de cunho teórico bibliográfico das obras *Vida Líquida* (2009) e *Medo Líquido* (2008), e documental, que pretende apontar dados que materializam os investimentos em segurança na educação. A estrutura teórico-metodológica do trabalho é organizada em três partes, a saber; a) contextualização do medo líquido de Bauman e seus reflexos para a organização da sociedade; b) o conceito de medo derivado e a produção do capital do medo como condição de lucratividade no modelo de capital global; c) a incorporação dos sinais da incerteza no ambiente educacional.

Portanto, o ensaio permite o encontro entre Bauman e a educação ao estabelecer um diálogo fecundo entre o conceito de medo líquido e a organização de vigilância no espaço educativo. O anseio e desejo socialmente construído de proteção e segurança acabaram por contaminar o espaço educacional ao legitimar uma falsa ideia de investimentos em segurança (como condição de proteção) em detrimento da diminuição de investimento em fatores pedagógicos. O medo socialmente produzido e generalizado contribuiu negativamente para o desenvolvimento de um modelo educacional que se afasta da comunidade. Tornam-se células isoladas e individualizadas. Essa condição socialmente construída no sistema educacional acaba por sufocar os princípios democráticos. O medo afasta e repele o diferente, não oportunizando o diálogo e o entendimento sobre as questões inerentes à socialização para a cidadania cosmopolita.



ALTAIR ALBERTO FÁVERO - Universidade de Passo Fundo
MARCIO GIUSTI TREVISOL - Universidade do Oeste de Santa Catarina
ROGERIO AUGUSTO BILIBIO - Universidade do Oeste de Santa Catarina

O medo líquido como condição estruturante da sociedade contemporânea

As características da sociedade moderna são resultado de transformações institucionais e organizacionais que tiveram início na Europa no final da Idade Média. Para as ciências sociais, as características da modernidade nascente foram modificadas na contemporaneidade, fazendo surgir uma sociedade complexa que reconfigura as instituições sociais, rompe com a tradição e com a subjetividade dos indivíduos. Da complexidade e do pluralismo da sociedade contemporânea, destacamos a incerteza, a insegurança e a desconfiança em relação ao futuro como características e identidades próprias de nosso tempo. Pesquisadores contemporâneos, como Ulrich Beck (1986, p. 34), compartilham que o medo é proveniente da insegurança causada pelo modelo produtivo de capital. Para o autor, o risco produzido pela humanidade foi potencializado, sobretudo, a partir da metade do século XX, com as inovações tecnológicas, o consumismo e o progresso, que trouxeram efeitos colaterais que forçaram uma mudança e reorganização das instituições sociais e da própria subjetividade.

Nesse sentido, Bauman (2008) oferece um importante e seguro diagnóstico da sociedade contemporânea por intermédio do conceito de medo líquido que se expressa de três formas. O primeiro decorrente da ameaça do corpo e das propriedades. O segundo é proveniente da durabilidade da ordem social e da confiabilidade nela, da qual depende a segurança do sustento (renda, emprego) ou mesmo da sobrevivência, no caso de invalidez ou velhice. E o terceiro decorre do lugar da pessoa no mundo – a posição na hierarquia social, a identidade (de classe, de gênero, étnica, religiosa).

“Medo” é o nome que damos a nossa *incerteza*: nossa *ignorância* da ameaça e do que deve ser *feito* – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance. (BAUMAN, 2008, p. 8).



ALTAIR ALBERTO FÁVERO - **Universidade de Passo Fundo**
MARCIO GIUSTI TREVISOL - **Universidade do Oeste de Santa Catarina**
ROGERIO AUGUSTO BILIBIO - **Universidade do Oeste de Santa Catarina**

O autor apresenta o medo como núcleo organizador da sociedade, ou seja, os sujeitos se movem e se orientam a partir do medo instaurado. Os males produzidos por seres humanos parecem agora tão inesperados quanto os antecessores/companheiros/sucessores naturais (BAUMAN, 2008, p. 85). Isso não significa que em outros momentos da história os seres humanos não estavam sujeitos a riscos e perigos. O fato é que os riscos acentuados da modernidade são consequência da ação humana. Para Bauman (2009), o ideário do progresso moderno, que foi a mais extrema manifestação de otimismo, promessa de felicidade universalmente aceita, desloca-se para o oposto desse ideário na sociedade líquida. As consequências do progresso não refletido visível nas guerras, na crise ecológica, no consumismo, no crime organizado nas cidades, no tráfico de drogas, no terrorismo, na pobreza, na exploração, etc. As expectativas do processo evocaram nas últimas três décadas um sentimento de insegurança e de incertezas frente ao futuro que promove ações e define comportamentos.

No contexto social, o medo e a ansiedade são crescentes nos habitantes das sociedades líquidas. Para Bauman (2008), o medo desencadeia ações defensivas estimuladas pela insegurança e incerteza. As ações são percebíveis e materializadas com a construção de muros, barreiras, câmeras de vigilância e fortalecimento de organismos coercitivos que possuem como função e objetivo a proteção contra especulações e rumores de perigos. A condição aterrorizante permanente legitima mais ações protetivas e, como consequência, mais medo. Tendo assolado o mundo dos humanos, o medo se torna capaz de se impulsionar e se intensificar por si mesmo (BAUMAN, 2008, p. 172). O círculo vicioso em torno do medo produzido na sociedade líquida garante o constante estado de insegurança que baliza uma razão instrumental que aprova, tanto na subjetividade quanto na esfera das instituições, ações e atitudes de distanciamento, de segregação e de individualismos em nome de uma suposta segurança.



ALTAIR ALBERTO FÁVERO - Universidade de Passo Fundo
MARCIO GIUSTI TREVISOL - Universidade do Oeste de Santa Catarina
ROGERIO AUGUSTO BILIBIO - Universidade do Oeste de Santa Catarina

Para Bauman (2008), o medo é mais assustador quando difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço, nem motivos claros. O medo está em todos os lugares e a todo momento nos inquirindo, forçando-nos e orientando nossas escolhas e práticas sociais, mesmo que esse medo não seja visível.

O viver com medo, portanto, precisa ser considerado dentro de uma perspectiva estrutural, não de uma limitação de determinado indivíduo. Existem indivíduos medrosos, mas o que se pretende aqui é demonstrar que uma sociedade inteira pode ser levada a viver com medo, como uma estratégia de controle sobre ela, com variadas intenções, dentre as quais destacamos duas: comercial e política. As discussões em torno da liberdade e privacidade já não fazem sentido frente à massiva propagação dos perigos emergentes.

Com a sociedade do medo e da insegurança muito dinheiro pode ser ganho. No marketing, os *slogans* apelam para a segurança pessoal como uma condição essencial para enfrentar os medos que aterrorizam. Então, a tese essencial é que para além dos medos é preciso produzir um sentimento de medo coletivo que impulse a compra e o consumo de produtos protetivos. Os investimentos em segurança aumentam consideravelmente e alimentam toda uma cadeia produtiva. Um bom exemplo ilustrativo é a questão do Rio de Janeiro. Com o aumento da violência, o número de carros blindados subiu 43% (O GLOBO, 2017). O lema “lei e ordem”, cada vez mais reduzido à promessa de segurança pessoal, tornou-se um dos principais pontos de venda, talvez o principal, nos manifestos políticos e nas campanhas eleitorais (BAUMAN, 2009, p. 92).

Nessa passagem, o autor nos oferece a segunda intenção da sociedade do medo líquido. Os discursos políticos de combate à violência têm ganhado força por meio da legitimação de uma ideologia que defende o aparelhamento do Estado como único meio de proteger os cidadãos de bem.

A exibição de ameaças à segurança pessoal tornou-se um dos principais trunfos, talvez o principal, na arte da audiência na mídia (ampliando



ALTAIR ALBERTO FÁVERO - **Universidade de Passo Fundo**
MARCIO GIUSTI TREVISOL - **Universidade do Oeste de Santa Catarina**
ROGERIO AUGUSTO BILIBIO - **Universidade do Oeste de Santa Catarina**

ainda mais os êxitos tanto do marketing quanto dos usos políticos do capital do medo). (BAUMAN, 2009, p. 92).

Essas intenções produzidas e aliadas aos medos e insegurança produzem novas estruturas sociais e novas formas de organização. O capital do medo se torna o eixo central para pensar políticas institucionalizadas que possuem como objetivo a proteção do cidadão. É notável que na sociedade líquida as políticas de Estado vão ao encontro da promoção de fortalecimento de departamentos de segurança coercitiva para enfrentar a violência. Por outro lado, as políticas de seguridade social e de ampliação dos direitos constitucionais sofrem cortes. O diagnóstico apresentado por Bauman a respeito da instauração do medo da sociedade líquida moderna é importante ferramenta para compreender as políticas de governo implantadas no Brasil a partir de 2016. Em relação à educação, presenciamos o congelamento de gastos por 20 anos (Emenda Constitucional n. 95, de dezembro de 2016), mas quando os gastos se referem à segurança pública, em especial, os gastos com a intervenção constitucional no Rio de Janeiro (Decreto n. 9.288, de 16 de fevereiro de 2018), os valores são repassados em caráter de urgência. A violência e, conseqüentemente, o estado de insegurança e medo da população, sobretudo, a urbana, tornaram-se pauta política dos futuros presidentes no ano de 2018. Os discursos aliados a investimentos financeiros tentam passar um sentimento de segurança que será atingido com mais repressão. A violência e o medo potencializados são explorados como plano de governo, estratégia e marketing. O fato que o medo e a violência no Brasil devem ser tratados pela educação como proposta emancipatória, porém, enquanto investimento em segurança tende a aumentar, os investimentos em educação em todos os níveis são congelados ou mesmo extinguidos. Cabe nesse momento e ancorados em Bauman, nos perguntarmos: Esses investimentos servem para quem? Quais os interesses envolvidos nessas decisões de investimento?



ALTAIR ALBERTO FÁVERO - Universidade de Passo Fundo
MARCIO GIUSTI TREVISOL - Universidade do Oeste de Santa Catarina
ROGERIO AUGUSTO BILIBIO - Universidade do Oeste de Santa Catarina

Na próxima seção vamos discutir o capital do medo com o conceito de medo derivado. A intenção é pontuar a partir de Bauman como a sociedade se organiza e, em decorrência, como as instituições educativas vão incorporando esses sinais de incerteza.

Do medo derivado ao capital do medo como condição de lucro

Para início de conversa, precisamos entender a partir de Bauman como os perigos e os medos se constituem a partir do crescimento das cidades. Esta situação está intimamente ligada com o processo da globalização e competitividade, que forçou um contingente numeroso a deixar a área rural e migrar para as cidades. A população excedente e redundante das áreas rurais se mudou para favelas, que brotaram em torno da cidade, relativamente abastada, atraída pela “esperança, não pela realidade”, já que hoje em dia “há menos emprego do que candidatos.” (BAUMAN, 2009, p. 95).

Para sustentar essa posição, Bauman (2009) utiliza-se de uma explicação antropológica sobre desenvolvimento das cidades, tomando como base o trabalho da pesquisadora Nan Ellin (2002), que define que um dos principais objetivos para a construção de cidades era a proteção por intermédio de amplas muralhas, cercas ou fossos, que eram presentes na Mesopotâmia, nas cidades medievais e nos povoados indígenas da América. A proteção da cidade por meio do uso dos fossos, muros e cercas dava aos seus habitantes uma segurança contra o inimigo, isto é, materializava uma separação entre nós e eles, entre a paz e a guerra, entre os inimigos e os amigos, entre a civilização e a barbárie. Pois bem, no último século esse conceito de cidade sofreu fortes e consistentes mudanças. A separação tradicional já não existe mais. O perigos e medos mudaram para o centro das cidades. A guerra contra a insegurança, os perigos e os riscos agora estão dentro da cidade, onde se definem os limites dos campos de batalha e se traçam as linhas entre as frentes.



ALTAIR ALBERTO FÁVERO - **Universidade de Passo Fundo**
MARCIO GIUSTI TREVISOL - **Universidade do Oeste de Santa Catarina**
ROGERIO AUGUSTO BILIBIO - **Universidade do Oeste de Santa Catarina**

Trincheiras e Bunkers fortemente blindados destinados a separar os estranhos, mantê-los à distância e barrar a entrada estão se tornando rapidamente um dos aspectos mais visíveis das aglomerações urbanas contemporâneas – embora assumam diversas formas e seus arquitetos façam o possível para fundir suas criações à paisagem, “normalizando” desse modo o estado de emergência em que vivem os moradores viciados em segurança. (BAUMAN, 2009, p. 96).

A abordagem do autor revela algo importante. As cidades, ao incorporarem na sua estrutura o medo e a insegurança, acabaram por produzir uma nova arquitetura baseada na tentativa de produzir estruturas que minimizem os riscos potenciais. Uma das formas mais comuns de fortaleza defensiva são as “comunidades fechadas [...], cada vez mais populares, com seguranças obrigatórios e monitores de vídeo de entrada.” (BAUMAN, 2009, p. 96). A arquitetônica do medo opera sobre dois princípios básicos: a invisibilidade e a intimidação. A invisibilidade é apresentada nas cidades de forma naturalizada e ambientada ao local. Por vezes, pode passar despercebida. Já a intimidação opera na exposição de edificações de vigilância e segurança que lembram fortalezas. As duas formas asseguram a arquitetura do medo e da intimidação, que se espalham sobre os espaços urbanos (BAUMAN, 2009, p. 97). As áreas urbanas, em todas as suas formas de expressão, passam a ser vigiadas e controladas 24 horas por dia, incluindo os espaços públicos e a privacidade.

A incorporação dos aparelhamentos de segurança se revela como uma falsa ideia de proteção dos perigos. Então, por que as cidades investem demasiadamente em aparelhos de segurança? Além das transformações geográficas e estruturais, quais as mudanças que as instituições operam para se autoprotegerem dos perigos e ameaças? Para responder a essas questões, elencamos os seguintes pontos: a) que há uma produção do sentido de medo decorrente de ações estratégicas; b) que existe uma indústria que lucra com o medo. Nesse sentido, há um capital do medo decorrente da produção hipotética da insegurança e dos perigos. Segundo Bauman (2009), existe um medo



ALTAIR ALBERTO FÁVERO - **Universidade de Passo Fundo**
MARCIO GIUSTI TREVISOL - **Universidade do Oeste de Santa Catarina**
ROGERIO AUGUSTO BILIBIO - **Universidade do Oeste de Santa Catarina**

derivado que explica essa condição. O medo derivado é uma estrutura mental que alerta para o constante perigo, um imaginário de insegurança e vulnerabilidade.

Uma pessoa que tenha interiorizado uma visão de mundo que inclua a insegurança e a vulnerabilidade recorrerá rotineiramente, mesmo na ausência de ameaça legítima, às reações adequadas a um encontro imediato com o perigo; o “medo derivado” adquire a capacidade da autopropulsão. (BAUMAN, 2009, p. 9).

Desse modo, para o autor, o medo derivado é um produto cultural e social que pode ser remodelado. Segundo Silva (2016, p. 176-179), trata-se do “medo derivado”, responsável por fazer com que os indivíduos estejam em constante estado de alerta, afinal, o perigo é ubíquo. O medo na contemporaneidade possui a capacidade de autopropulsão (BAUMAN, 2008, p. 9), isto é, uma vez presente no mundo humano, segue seu próprio caminho e se autorreproduz sem nenhum auxílio. Um exemplo pode ser conferido à mídia sensacionalista, que atua na produção do medo para intensificar a paranoia urbana (FLUSTY, 2015, p. 16).

As consequências dessa paranoia urbana em torno do medo e da insegurança estimulam a adoção de estilos de vida defensivos, como: o investimento em seguranças particulares, a blindagens de carros, a construção e muros, porte de arma de fogo, condomínios fechados, investimento em câmeras de vigilância. Essa arquitetônica produzida serve para lembrar os cidadãos que os perigos existem e que devem buscar formas de se proteger. Dentro dessa perspectiva, surge o comércio do medo ou o capital do medo.

Com efeito, em uma sociedade fortemente marcada pela ideologia da globalização e ampliação de capital, o medo se tornou lucrativo. O destino da cidade sob o efeito da globalização ainda é imprevisível, pois está totalmente voltada ao comércio e ao capital. A vigilância tornou-se algo imprescindível, assim como o acesso à informação disponível nas diversas mídias. Já a violência, as armas fortalecidas no crime organizado, no terrorismo, no fascismo e no fanatismo religioso causam constantes conflitos na



ALTAIR ALBERTO FÁVERO - Universidade de Passo Fundo
MARCIO GIUSTI TREVISOL - Universidade do Oeste de Santa Catarina
ROGERIO AUGUSTO BILIBIO - Universidade do Oeste de Santa Catarina

sociedade globalizada. Há uma contradição inerente à globalização. À medida que defende a abertura das cidades, na prática entusiasma um espírito de segregação e proteção do indivíduo frente ao coletivo. O individualismo presente na sociedade global alicerça ações de investimento em segurança que tendem a neutralizar o reconhecimento do diferente. Se antigamente a sociedade almejava viver em uma sociedade aberta, no momento vivencia experiências aterrorizantes de uma população infeliz e vulnerável (BAUMAN, 2007, p. 13).

Por isso, os ambientes repletos de riscos são locais de intensa ambiguidade, o que, por sua vez, não deixam de evocar atitudes e reações ambivalentes. Os ambientes repletos de risco simultaneamente atraem e repelem, e o ponto em que uma reação se transforma no seu oposto é eminentemente variável e mutante, virtualmente impossível de apontar com segurança, que dirá de fixar (BAUMAN, 2009, p. 101). Desse modo, o medo presente na sociedade contemporânea passa a ser fator determinante para a organização em nível institucional, estatal ou privado. O medo e os perigos ao produzir uma sensação de insegurança modificam a subjetividade individual e legitimam a mudança das estruturas institucionais para garantir a proteção de seus membros frente aos perigos apresentados.

Desse modo, nossa última tese é discutir como as instituições educacionais incorporaram os sinais de incerteza. Essa condição é imprescindível para entender como as escolas se estruturam a partir do medo. Quais os investimentos em segurança? Que experiências formativas são dadas aos alunos a partir da ideia de insegurança constante? E, por fim, discutir como as escolas se tornam *Bunkers* para enfrentar os aspectos do medo na sociedade contemporânea. Essas questões serão trabalhadas ao longo da terceira seção.



ALTAIR ALBERTO FÁVERO - Universidade de Passo Fundo
MARCIO GIUSTI TREVISOL - Universidade do Oeste de Santa Catarina
ROGERIO AUGUSTO BILIBIO - Universidade do Oeste de Santa Catarina

A presença do medo líquido e a incorporação dos sinais de incerteza na educação

O ambiente escolar sintetiza as contradições sociais materialmente produzidas, assim, a escola torna-se o espaço que absorve os temores e medos presentes na sociedade líquida. A incorporação do medo é percebida nos investimentos e nos recursos destinados a favorecer a proteção dos estudantes. Essa condição nos suscita pelo menos algumas questões: a) de fato os investimentos em aparelhos de vigilância asseguram a integridade dos alunos? b) quais os impactos formativos da constante insegurança e incerteza que ronda as escolas? c) como favorecer uma educação democrática quando a escola se isola da sociedade construindo muros e barreiras que não dialogam com o diferente e com as contradições sociais? Essas são provocações para entender como os sinais da incerteza vão colonizando o espaço educacional.

Dessa forma, podemos verificar que o medo, definido por Bauman, vai se materializando na dimensão educacional. Uma simples busca por notícias trará uma considerável quantidade de resultados onde o medo, a violência e a tensão estão dentro, fora e no entorno das escolas, manifestando-se em invasões, roubos, agressões entre alunos e professores, indisciplina e exclusão. Essas situações de violência são potencializadas, sobretudo, pelas pautas midiáticas e sensacionalistas, que ao não informarem adequadamente causam uma histeria social, ao responder de forma reduzida questões complexas.

Quando se relaciona esse cenário de incerteza medo e insegurança com determinados aspectos da sociedade, como na política, vem à tona reflexões, como o apego ao autoritarismo, à figura de um redentor, ao uso de mecanismos não democráticos como resposta à instabilidade. No caso de uma discussão em nível educacional, um dos exemplos mais visíveis é o que condicionamos chamar de “bunkerização” das escolas. Na arquitetura das escolas contemporâneas um padrão parece ser admitido como condição



ALTAIR ALBERTO FÁVERO - **Universidade de Passo Fundo**
 MARCIO GIUSTI TREVISOL - **Universidade do Oeste de Santa Catarina**
 ROGERIO AUGUSTO BILIBIO - **Universidade do Oeste de Santa Catarina**

de funcionamento. A “bunkerização” das escolas parece ser um mecanismo cada vez mais presente. As fortalezas educacionais se retraem e operam no sentido de separar “nós” dos “outros”, os “justos” dos “injustos” e os “civilizados” dos “incivilizados”. Cabe nesse momento nos perguntarmos: como faremos uma sociedade democrática quando nossas escolas se tornam a materialização da segregação e separação?

Existem dados que corroboram esse sentimento. É frequente os meios de comunicação social veicularem matérias demonstrando os investimentos que redes públicas e privadas de educação necessitam efetuar para fazer frente aos roubos, invasões e depredações. Para fixar um único exemplo nesse sentido, a Escola Estadual Erico Verissimo, em 2016. A seguir, um fragmento do texto veiculado em mídia digital:

Após tiroteios e um assassinato na mesma rua, a **Escola Estadual Erico Verissimo**, no bairro Jardim Carvalho, em Porto Alegre, vai mudar os horários de funcionamento e abrir apenas duas horas por turno a partir desta quarta-feira. A **instituição teve de fechar as portas três vezes** em oito dias por causa da violência no bairro. A orientação para reduzir as aulas em duas horas foi dada pela Secretaria Estadual de Educação. Os turnos reduzidos serão entre 9 h 45 min e 11 h 45 min para os estudantes da manhã, e 13 h 15 min e 15 h 15 min durante a tarde. Os **551 alunos** da instituição não terão intervalo entre períodos. A determinação não tem data para terminar. O prazo, conforme nota publicada pela escola no Facebook, é “até que a situação de violência se normalize no bairro”. No dia 6 de abril, a Secretaria de Educação se reúne com a Secretaria de Segurança Pública para pedir mais segurança na escola. (GAÚCHA ZH, 2016).

A notícia supra-apresentada carrega consigo um fator ideológico decisivo para sustentar e legitimar investimentos em segurança na área educacional. Com efeito, tais objetos de discurso não têm função analítica: antes são o que chamarei de atrativos ideológicos (CHARLOT, 2000, p. 14). Embora o autor não se dedique a pesquisar a questão da violência e do medo na escola, oferece-nos uma condição privilegiada para entender como os discursos do medo e do temor se tornam homogêneos. Os discursos produzidos dessa natureza, quando não analisados em sua dimensão particularizada e contextualizada, acabam favorecendo uma percepção distorcida da realidade social.



ALTAIR ALBERTO FÁVERO - **Universidade de Passo Fundo**
MARCIO GIUSTI TREVISOL - **Universidade do Oeste de Santa Catarina**
ROGERIO AUGUSTO BILIBIO - **Universidade do Oeste de Santa Catarina**

Dessa forma, condições específicas de determinadas escolas envolvidas com fatores de violência são universalizadas e valem como um consenso de que todo o sistema escolar está comprometido e, portanto, são necessários investimentos na área de vigilância. Logo, escolas que não possuem históricos de violência passam a promover não somente campanhas em prol da paz, como passam a imprimir regras de conduta e aparelhamento protetivo como portas de segurança, câmera de vigilância, celulares rastreados, muros, vigias e aparelhos eletrônicos, que permitem aos pais acompanharem seus filhos no ambiente escolar. Para Bauman, o medo nos estimula a assumir uma ação defensiva e isso confere proximidade, tangibilidade e credibilidade às ameaças, genuínas ou supostas, de que ele presumivelmente emana (2008, p. 173).

Esse sentimento de medo se enraíza em nossos motivos e propósitos, estabelece-se em nossas ações e satura nossas rotinas diárias (BAUMAN, 2008, p. 173). O medo como condição estruturante da sociedade líquida favorece a tomada de decisões no campo educacional. Por um lado, o Estado enfraquecido pela globalização é cobrado constantemente pela população por não favorecer uma educação que imponha a ordem e o respeito, utilizando o endurecimento de regras, da lei e da implantação da vigilância constante. Por outro lado, o segmento das escolas privadas amedrontadas pelos discursos midiáticos promove o investimento e a proteção. Esses investimentos, muitas vezes, tornam-se apenas ações de marketing.

Mas isso constitui, é claro, uma ilusão – tal como sempre foi no caso de outros incontáveis mecanismos de *perpetuum mobile* que reivindicam o milagre da autossuficiência em energia. O ciclo do medo e as ações por ele ditadas não prosseguiram interruptamente nem ganhariam velocidade se não extraíssem sua energia dos temores existenciais. (BAUMAN, 2008, p. 173).

A promoção ideológica do medo impõe uma lógica que cega e inviabiliza investimentos em políticas educacionais de formação de professores e alunos para entendimento adequado do fenômeno social da violência. A preferência redutora e



ALTAIR ALBERTO FÁVERO - **Universidade de Passo Fundo**
MARCIO GIUSTI TREVISOL - **Universidade do Oeste de Santa Catarina**
ROGERIO AUGUSTO BILIBIO - **Universidade do Oeste de Santa Catarina**

sedutora pelo aparelhamento das escolas favorece uma falsa consciência social, de que escolas equipadas estão livres ou parcialmente livres de situações de perigo. Os sinais da violência, que se tornaram uma realidade corriqueira ao longo desse século, não podem ser absorvidos pelo sistema educacional como algo a ser enfrentado a partir da transformação física e estrutural das escolas. A violência gerada a partir do medo – tanto interna quanto externamente às escolas – requer delas a capacidade de reação nos seguintes termos. De acordo com Digiaco (2010), ao invés de se fechar cada vez mais, assumindo uma execrável postura opressora e intransigente em relação a seus alunos, não raro tratados como "delinquentes em potencial" e não como pessoas em formação, que assim merecem ser considerados e respeitados, deve a escola cumprir a lei e abrir suas portas à comunidade, que precisa nela encontrar um ambiente saudável, onde se ensina e se pratica a cidadania, que a todos pertence e que por todos precisa ser preservada. Apenas com o envolvimento das famílias e da comunidade, como desejam a Constituição Federal e legislação ordinária já mencionadas, é que poderá a escola se desincumbir de sua elementar missão de preparar seus educandos para o exercício da cidadania, o que inclui o respeito às leis e ao próximo, lição que se for bem ministrada e assimilada por todos, reduzirá drasticamente o índice de violência, não apenas dentro, mas também fora do recinto escolar, beneficiando assim toda a população (DIGIACO, 2010).

Ainda nesse sentido, é facilmente perceptível que o quadro de medo (e a violência em suas tipificações como decorrência dele) acaba por afetar o comportamento de alunos, professores, gestores e autoridades. O ambiente em que a tensão impera, por óbvio, reduz a capacidade da escola em propiciar as condições necessárias a uma trajetória de aprendizagem gradativa e segura. Dessa forma, a indústria do medo tem um dos seus últimos desdobramentos perniciosos: diminuir a possibilidade do sucesso escolar.

A escola, por fim, é o espaço dedicado ao debate, ao diálogo, ao conhecimento e à cidadania. É necessário, pois, que, pelo menos esse espaço seja apropriado por outras



ALTAIR ALBERTO FÁVERO - **Universidade de Passo Fundo**
MARCIO GIUSTI TREVISOL - **Universidade do Oeste de Santa Catarina**
ROGERIO AUGUSTO BILIBIO - **Universidade do Oeste de Santa Catarina**

forças que não o medo, pois do contrário a continuidade do processo estará garantida. As conexões entre sociedade e escola apontam que as soluções não podem ser desmembradas, mas esforços no sentido de humanizar as relações da escola e do seu entorno – algo na direção do ensino como um patrimônio da sociedade – sustentam uma estrutura de superação deste quadro de medo líquido. A incorporação dos sinais de incerteza do século XXI está presente no aparelhamento protetivo e na incapacidade de fornecer uma educação democrática que favoreça experiências formativas de inclusão e reconhecimento. Ao contrário, estamos provendo uma separação dos puros e impuros, da civilização e da barbárie, dos corretos e dos incorretos. Resta saber em qual lado estamos.

Considerações finais

Na sociedade líquida moderna de Bauman, o que mais amedronta é ambiguidade dos medos. Eles estão por toda a parte, podem vazar de qualquer lugar da rua, do bairro ou do próprio lar. Os perigos, produzidos ou não, condicionam o indivíduo a um espírito de alerta que não cessa. A busca por estratégias de proteção passa a ser condição de sobrevivência frente aos perigos constantes de morte. A incerteza em relação ao futuro se tornou palavra de ordem e condição básica que legitima atitude de isolamento, vigilância, segregação e separação entre os tidos como puros e justos, dos impuros e injustos.

De acordo com Bauman (2008), o fato de sabermos que esse mundo é assustador não significa viver com medo – pelo menos não 24 horas por dia, sete dias por semana. Temos a nosso dispor um volume considerável de estratagemas, de quinquilharias inteligentes, câmeras de vigilância, sensores de presença disponíveis em lojas que podem nos ajudar a afastar a realidade horripilante do perigo. Como todas as outras formas de coabitação humana, nossa sociedade líquida-moderna é um dispositivo que tenta tornar a vida com medo tolerável. Nessa perspectiva, o medo e os perigos se tornam o eixo central da organização da vida líquido-moderna. A ampliação do medo e dos perigos força



ALTAIR ALBERTO FÁVERO - **Universidade de Passo Fundo**
MARCIO GIUSTI TREVISOL - **Universidade do Oeste de Santa Catarina**
ROGERIO AUGUSTO BILIBIO - **Universidade do Oeste de Santa Catarina**

que as instituições se modifiquem para afastá-los, por outro lado, o modelo de capital absorve o medo como indústria, isto é, o medo se tornou algo lucrativo. O medo líquido, explicado visceralmente por Bauman, situa-se como um dos pilares para o entendimento das contradições contemporâneas. Há, certamente, uma indústria do medo, que procura explorar os efeitos dele sobre a sociedade, ao invés de se perguntar sobre as suas causas e de como enfrentá-lo.

Nesse cenário da sociedade líquida, os espaços públicos não estão imunes a esta condição social. Gradativamente vão incorporando os sinais de incerteza e instituindo ações de proteção que visam garantir a paz e a tranquilidade a seus alunos – pelo menos pelo tempo que vão permanecer em seu espaço. O que está em jogo é compreender como as escolas favorecem uma experiência formativa a partir dos perigos. Especificamente, nas questões educacionais, a sociedade com medo não poupa as escolas.

De tal modo, que podemos tirar algumas considerações: a) muitas escolas de elite na sociedade líquido-moderna investem em segurança e fazem disso um marketing; b) outras buscam na legalidade ou na intervenção de órgãos estatais coibir a violência; c) muitas escolas na sociedade líquido-moderna acreditam que a construção de muros e a separação da comunidade é o caminho para diminuir os índices de violência e medo; d) por fim, um grande número de escolas, amedrontadas com o sensacionalismo das pautas midiáticas a respeito da violência, tomam atitudes de segregação sem nunca presenciar ações de perigo, apenas motivadas por um medo produzido. Em todos os casos, a incorporação das incertezas nas escolas não favoreceu experiências formativas de entendimento da dimensão social do medo ou da violência, ao contrário, a busca por formas de coibir a violência produz mais segregação.

Dessa forma, a tendência de uma sociedade com medo é a de procurar o isolamento, a segregação, desacreditando no poder do diálogo, do convívio com o diferente. A organização de uma entidade democrática, plena, cientificada, autônoma, fica



ALTAIR ALBERTO FÁVERO - **Universidade de Passo Fundo**
 MARCIO GIUSTI TREVISOL - **Universidade do Oeste de Santa Catarina**
 ROGERIO AUGUSTO BILIBIO - **Universidade do Oeste de Santa Catarina**

relegada à prioridade de manter a escola sob ordem. Ou seja, a disciplina, o autoritarismo e o militarismo passam a ser vistos como soluções para o espectro do medo.

Evidentemente que cercar, murar e monitorar a escola não garante sua integridade. A ação criminosa não depende do quanto o alvo está armado ou protegido. O combate ao crime não acontece pela imposição da lei ou pelo bloqueio da ação do meliante, mas pelo entendimento do que o faz cometer o ilícito. Tal aspecto não interessa à indústria do medo, pois sua solução eficaz exigiria a reconfiguração socioeconômica do país.

Desse modo, a incorporação das incertezas e do medo nas escolas está favorecendo a formação de jovens amedrontados que buscam na individualidade a ilusória sensação de segurança e paz, produzida por aparatos de segurança. Por isso, a forma como os medos e as incertezas da sociedade líquido-moderna estão sendo trabalhados é uma afronta à democracia e à inclusão. O ambiente educativo que deveria ser por excelência o espaço de formação e de discussão sobre as contradições de nosso tempo, torna-se o espaço de consagração e de manutenção de uma ordem social perversa e aniquiladora.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Unesp, 1997.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco**: rumo a outra modernidade. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1986.

BRASIL. **Decreto nº 9.288, de fevereiro de 2018**. Disponível em: camara.leg.br/legin/fed/decret/2018/decreto-9288-16-fevereiro-2018-786175-publicacaooriginal-154875-pe.html. Acesso em: 20 mar. 2018



ALTAIR ALBERTO FÁVERO - **Universidade de Passo Fundo**
 MARCIO GIUSTI TREVISOL - **Universidade do Oeste de Santa Catarina**
 ROGERIO AUGUSTO BILIBIO - **Universidade do Oeste de Santa Catarina**

BRASIL. **Emenda Constitucional nº 95, de dezembro de 2016**. Disponível em: camara.leg.br/legin/fed/emecon/2016/emendaconstitucional-95-15-dezembro-2016-784029-publicacaooriginal-151558-pl.html. Acesso em: 10 maio 2018.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o Saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

DIGIACOMO, Murilo José. **Violência nas escolas**: sugestões para o enfrentamento do problema. Curitiba: Ministério Público do Paraná, 2010. Disponível em: <http://www.crianca.mppr.mp.br/pagina-830.html>. Acesso em: 15 abr. 2018.

ELLIN, Nan. **Good Urbanism**: six steps to creating prosperous place. Utah: Island Press, 2002.

GAÚCHA ZH. **Após tiroteios e assassinato, escola de Porto Alegre terá só duas horas de aulas por turno**. 2016. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2016/03/apos-tiroteios-e-assassinato-escola-de-porto-alegre-tera-so-duas-horas-de-aulas-por-turno-5612988.html>. Acesso em: 18 abr. 2018.

O GLOBO. **Com aumento da violência, número de blindagens de carros subiu 43% no Rio**. 2017. Disponível em: oglobo.globo.com/rio/com-aumento-da-violencia-numero-de-blindagens-de-carros-subiu-43-no-rio-0384276#ixzz5DcUerHbN. Acesso em: 16 abr. 2018.

SOUZA, Mirian Rodrigues. Violência nas escolas: causas e consequências. **Revista brasileira de sociologia do Direito**, n. 2, p. 119-136, 2008.

Recebido em 08 de janeiro de 2019

Aprovado em: 03 de março de 2019